

O MONTE DA CASA ALTA

Fica em Melides – Grândola, no sítio conhecido como “Sobreiras Altas“. A paisagem é a característica desta região do Alentejo, já próxima do mar, mas ainda muito caracterizada pelos sobreiros, oliveiras, um ou outro pinheiro manso, num acidentado do terreno que, não sendo agressivo, não tem já a sensualidade dos Alentejos mais interiores, nem a beleza do vale do Sado. É muito tipicamente rural, com propriedades de dimensões mais pequenas (a grande herdade fica “mais para dentro”) aqui há até uma certa concentração do povoamento.

A casa de que desta vez tratamos existia já, embora inacabada e bastante mal “arquitectada”, digamos assim. Ampliou-se um pouco e recompôs-se muito. Está acabada de fazer, prestes a ser habitada. Projectei-a para um Tio que muito estimo – o Augusto Baganha – e para a sua Família. A M^a. Emília, aliás, foi incansável no acompanhamento de todo o processo e no arranjo do terreno, que já tem um pouco de tudo – desde árvores de fruto a uma horta muito bem arranjada – uma delícia só de olhar.

Foi mais uma obra que fiz nesta região com a José Luís Construções (que construiu os “africanismos” que projectei para o vizinho Badoca Park) e em que o respectivo técnico responsável – o Mário Moutinho – realizou, uma vez mais, um excelente trabalho. É realmente muito mais compensador trabalhar com gente assim – que sabe e que gosta do que faz -, gente séria, honesta, simples, profissional. Tomaram muitas das grandes (só na dimensão); Têm muito que aprender com estas “pequenas”.

No projecto tive a ajuda da Ana Godinho, jovem Arquitecta que tinha já colaborado também no projecto do Badoca e a fiscalização ficou a cargo dos Eng^{os}. José e Miguel Gueifão de Oliveira.

No rearranjo da casa procuramos recompor os espaços – matéria prima da arquitectura – conferindo-lhes a proporção, a escala, a qualidade que lhes faltava -, acrescentando áreas novas, completando o programa que nos era dado cumprir.

Abrimos também mais a casa para a luz, ligando francamente os espaços de estar exteriores com os interiores, prolongando-os assim quase naturalmente – como se não pudessem existir uns sem os outros.

Tudo isto, seguindo um modelo que é o da tradição desta região em matéria de arquitectura popular – “a casa do monte” – branca de cal, com cobertura de telhas cerâmicas de canudo (aproveitámos as velhas, limpámos, tratámos e recolocámos), com volumes simples, adossados, com alturas diversas, moldando-se às formas da terra, com janelas e portas muito pouco generosas de dimensão (a excepção é a sala, compensada no entanto com a sombra do alpendre), numa síntese de harmonia com o sítio, com o Céu e com a Terra.

No detalhe, nos materiais de acabamento, usamos também aquilo que aqui é mais comum: os xistos, as tijoleiras de barro, os azulejos de chacota manual – que são cozidos

ainda artesanalmente aqui perto, em Santiago do Cacém -, as texturas que sugerem a sedimentação das caiações sucessivas, o desenho das carpintarias, as ferragens ... tudo contribui para um efeito geral que resultou, quanto a nós, bastante coerente.

O único aspecto que aqui se manifesta, não diria “dissonante”, mas talvez um pouco invulgar, como que divergindo, sem destoar, da melodia ou do “frasear” de base, é o que resulta da integração de um piso elevado, aproveitando parte do desvão da cobertura, rasgando a linha do beirado e o volume do telhado com as janelas “de sótão”. É aliás esta “originalidade” que dá o nome à casa. É como um traço no rosto que lhe acentua a beleza conferindo-lhe carácter, ou uma configuração de um tronco de árvore que a torna singular e ainda mais atractiva.

A originalidade ou a criatividade não são, ao contrário do que é “politicamente correcto”, hoje, afirmar-se, exclusivos das arquitecturas de espectáculo ou de feira de vaidades. A tradição é, por definição, algo que pressupõe a transmissão e, nesse processo, evolução, dinamismo, criatividade.

No Monte da Casa Alta procuramos isso mesmo: respeitar a Tradição de forma criativa, no desenho, na concepção dos espaços, nas formas, nos materiais.

É esta forma de intervir no território que, independentemente do estilo de cada um, nos parece mais adequada, tendo em conta, sobretudo, um aspecto que hoje é incontornável e que assume mais e mais importância – falamos do ambiente, do nosso habitat natural e da melhor forma de nós – Humanidade – construirmos os nossos abrigos, os nossos templos, os nossos “fora” ou praças públicas, as nossas cidades, sem o estragarmos, pelo contrário, contribuindo para a sua valorização e salvaguarda.

Vivermos em harmonia com o nosso planeta passa também por compreendermos a actualidade destes aspectos e reaprendermos todos um pouco aquilo que conhecemos mas de que nos vamos esquecendo e que são valores sólidos, permanentes e sustentáveis.

José Baganha